

# Prefácio

Paulo Cunha

Universidade da Beira Interior  
Covilhã, Portugal



**E**m Março de 1972, João César Monteiro publicaria no “Suplemento Literário” do *Diário de Lisboa* uma crítica ao filme *O Passado e o Presente* de Manoel de Oliveira que surpreenderia e escandalizaria o meio português. Muito resumidamente, no texto intitulado “Um necrofilme português de Manuel de Oliveira”, Monteiro concluía que “o país tem (inexplicavelmente) um cineasta demasiado grande para o tamanho que tem.” Por outras palavras, o irreverente Monteiro propunha que o lugar do cinema de Oliveira não poderia ser circunscrito à realidade portuguesa, nem a sua análise resumida à cultura portuguesa, sendo mais útil pensá-lo em relação a outros contextos, como Carl Th. Dreyer, Georges Bataille ou a jovem crítica dos *Cahiers du Cinéma*.

Tal como é enunciado na breve introdução, a proposta de Renata Soares Junqueira parece modesta. No entanto, mais do que comparar o cinema de Manoel de Oliveira e de Glauber Rocha, a autora abre inovadoras perspectivas para o estudo de dois dos maiores cineastas modernos da história do cinema. Tal empreitada é ainda mais significativa no caso do estudo do cineasta português, habitualmente tratado como um caso isolado, um fenómeno estranho sem paralelo no cinema português. Ora, de uma forma muito fundamentada, Renata Soares Junqueira demonstra, mais uma vez, que é possível ler o cinema de Oliveira em diálogo com outros autores.

E digo “mais uma vez” porque, na realidade, em textos próprios ou em publicações por si organizadas, a autora tem vindo a propor já há algum tempo uma leitura interdisciplinar e transversal da obra do centenário cineasta portuense: *O Cinema Épico de Manoel de Oliveira* (São Paulo: Perspectiva, 2018), *Os Pobres no Cinema de Manoel de Oliveira* (São Paulo: Todas as Musas, 2017) ou *Manoel de Oliveira: Uma Presença* (São Paulo: Perspectiva, 2010).

Quem mais beneficia desta nova proposta serão, certamente, as próprias obras de Manoel de Oliveira e Glauber Rocha, cuja complexidade e riqueza são valorizadas e destacadas por mais este estudo de Renata Soares Junqueira, sempre respeitando as particularidades estéticas e o contexto criativo e produtivo de cada cineasta. Cada capítulo deixa claros os objetivos e o alcance da proposta, definindo criteriosamente o *corpus* e explicando detalhadamente os pressupostos da análise. Apesar de autônomos, os sucessivos capítulos vão acumulando premissas para um momento final, intitulado “Imperialismo e formas de resistência”, que também serve de súmula conclusiva aos textos anteriores.

A autora tem consciência dos riscos, mas mesmo assim assume uma honestidade e uma humildade perante os obstáculos que foram surgindo, mais desconfiados pelas aparências do que atentos aos seus argumentos. Num gesto de consciente provocação, tal como João César Monteiro havia arriscado há quase cinquenta anos, Renata Soares Junqueira propõe “identificar e descrever modulações do épico no cinema em português, aproximando dois realizadores – um português e um brasileiro – aparentemente muito pouco ou nada conciliáveis”. Do meu ponto de vista, guardando devidas proporções, o resultado é surpreendente – não que duvidasse da capacidade da autora, cujo trabalho conheço relativamente bem – e, sobretudo, inspirador. O sucesso da proposta irá – não tenho dúvidas – inspirar outros autores a proporem análises mais arrojadas.

Paulo Cunha